



A ASSOCIAÇÃO
DE ESTUDOS
EUCLIDIANOS

O Berrante

Ano III - Nº 7
Agosto/1995

(Edição fechada enquanto os redatores chutavam o
pau da barraca)

The End

"A vida não é um
filme, você não
entendeu..."

EDITORIAL

Doces de fel

A Associação de Estudos Euclidianos chega, neste agosto de 1995, ao final de um ciclo de sua História. A atual diretoria encerra a sua gestão, e os maratonistas terão que decidir qual será o seu futuro. Os últimos quatro anos foram de muitas dificuldades, vários foram os conflitos, e a nossa entidade agora dá um tempo para rediscutir o seu papel dentro do euclidianismo.

Entendemos que não basta, pura e simplesmente, eleger nova diretoria e tudo continuar como está. É preciso que o maratonista diga o que pretende.

O que fazer daqui em diante? Declarar guerra? Engolir (mais) sapos? Desencanar? Puxar um fli? Os episódios mais recentes nos colocaram numa grande encruzilhada; vivemos uma incógnita. De um lado, o amor pelo euclidianismo, pela Semana Euclidiana e por São José do Rio Pardo. Do outro, tantas são as mágoas com o euclidianismo, a Semana Euclidiana e São José do Rio Pardo... Esse turbilhão de emoções

nos coloca em posição um tanto bizarra, daqueles que têm de conciliar um sonho muito doce com uma realidade bastante cruel. Aqui está o desafio para o futuro. Seremos dóceis ou cruéis? Renunciaremos à luta? Ou vamos procurar outras motivações em outros lugares?

A AEE, desde o seu início, lutou pelo rejuvenescimento da SE, pela sua evolução e pelo aumento da sua contribuição enquanto evento cultural. E, na única vez em que fomos chamados a falar, foi para prestar um humilhante e ridículo depoimento num delegacia de polícia... Começamos, então, a duvidar dos verdadeiros valores (sic) que estão por trás do "euclidianismo" (sic). Vale à pena querer participar dessa farsa? É você, maratonista, quem vai resolver. O futuro, quem viver verá.

**Os episódios mais
recentes nos
colocaram
numa grande
encruzilhada.**

Marcelo Lopes

Diretor d'A AEE e Editor d'O Berrante

Proudhon, o ombudsman

O último número d'O Berrante (nº 6, jan.-fev./95) foi um prêmio ao euclidianismo. Não só pelo bom número de colaborações recebidas, pelo seu espírito altamente cultural (yes, chegamos a ter Mario Vargas Llosa em nossas páginas!) mas, sobretudo, pela lição de humildade e, ao mesmo tempo, de grandeza, proporcionada pelo nosso grande mestre, Oswaldo Galotti.

O criador da Semana Euclidiana é, hoje, a pessoa mais digna para falar em nome do verdadeiro euclidianismo. aquele construído com idéias e ideais, não com vaidades e mesquinhas, como estamos acostumados a ver. "Não pode haver Semana Euclidiana sem os maratonistas", diz Galotti, mas são justamente eles, mola propulsora do movimento, que mais são desconsiderados pelos euclidianos (?) de plantão. Esses senhores, que tomaram a SE para si, e arranjaram um jeito de enxotar os jovens questionadores de seu caminho, nem de euclidianos deviam ser chamados. Eles não estão à altura da grandeza da obra de Euclides - este tinha, sobretudo, autocrítica, coisa que evidentemente falta à pseudo-intelecualidade provinciana desses senhores.

Nesse ambiente hostil, árido e besta - que sentido ele faz? - nos conforta a existência de personalidades como o dr. Galotti, que não só é um grande euclidiano, mas alguém com um verdadeiro espírito de maratonista. Vida longa ao nosso presidente de honra, com muita honra!

Interessantíssima a entrevista do professor Márcio José Lauria, em *Tróia de Taipa* nº 2, pág. 6. Diz ele, sobre a SE: "Euclides da Cunha... seria o motivo principal do desencadeamento de uma série de ações que levassem as pessoas a ler, não especificamente Euclides da Cunha, que é muito difícil, mas a ler, a se interessar por temas culturais..." Ou seja, tudo o que A AEE sempre defendeu e nunca foi aceito - inclusive por Lauria. Por que disse isso agora? Por que está na oposição?

Cartas

Ave, Galotti!

Recebi O BERRANTE nº 6. Magnífico. Tipicamente uma expressão do maratonismo euclidiano: cultura, seriedade e senso de humor, através dos jovens.

Muito agradeço às referências a meu respeito, e sei que elas partem mais da boa amizade do que do valor do home-nageado...

Euclidianismo é alma. É vibração com a denúncia euclidiana diante da

injustiça perante nossos irmãos esquecidos, do Norte. A posição corajosa de Euclides é de extraordinária significação: não aceitamos Canudos!

Empolga ver-se como os jovens euclidianos se integram na esclarecida mensagem de OS SERTÕES!

Parabéns a vocês, e o abraço amigo do

Oswaldo Galotti (São Paulo, SP)

ESQUENTANDO OS TAMBO-RINS - Depois de um longo e tenebroso inverno no recinto de minha caverna, volto para dizer que, faltando pouco tempo para a Semana Euclidiana de 95, já começo a sentir todo aquele encanto que só os maratonistas conseguem sentir. Aproveito para mandar um abraço para todos os maratonistas de 93 e 94 (anos em que participei). Até agosto. A galera do Galo vai invadir São José novamente.

Alex Veitas (Cantagalo, RJ)

CANTE COM A GENTE - Gostaria, primeiramente, de parabenizar toda a equipe de produção (pomposo, não?) d'O Berrante. É ótimo e gostei muito do último número que recebi (é visível a melhora na qualidade dos artigos).

Sobre a questão dos Cânticos, concordo com a opinião dos editores: isso é coisa de quem não tem o que fazer. Ora, o que só faz aumentar a minha curiosidade; não li os Cânticos... Não tem jeito de mandar cópia deste assunto sepultado?

Débora Golçalves (São Carlos, SP)

O FIM DA PICADA NO PICADEIRO - A SE está chegando, espero que a gente possa mais uma vez aproveitar tudo o que há de melhor numa SE.

O que tá incrível é a novela feita em cima dos cânticos, já virou palhaçada. Mas parece que todo ano essa turma da organização da SE e da Casa Euclidiana precisam de uma "atração circense."

Karina Martins Alem (Rio Claro, SP)

CULT NEWSPAPER - Recebi há

algum tempo (coisa de uns 2 meses, mais ou menos) a última edição de "O Berrante". Me refiro àquela que tem uma matéria sobre o Mercosul, a nomeação do Dr. Galotti como presidente de honra d'A AEE e algo sobre Mario Vargas Llosa. Pois é. O Berrante acabou se tornando um jornal cult. "A serviço da cultura fudegueira." Só falta pintar uma entrevista com o Paulo Francis, artigos sobre Rodin e daqui a pouco abriremos sucursal em Paris [veja *expediente*].

Brincadeiras à parte, parabéns pelo excelente conteúdo do último número. Espero que a linha editorial deste jornal continue nesse nível, o que contribui muito para demonstrar que o maratonista é, antes de tudo: a) um estudioso da vida e obra de Euclides da Cunha, nosso Senhor e Mestre; b) um preocupado com questões sociais, políticas, econômicas, ecológicas, psicológicas, psicopatológicas, sexológicas, entre outras; e c) um baita dum fudegueiro que não vê a hora de chegar a Semana Euclidiana para dormir mal, comer mal, cochilar durante as palestras e zonestar a noite inteira nos alojamentos.

É claro que não necessariamente nessa ordem...

Paulo Herculano (São José do Rio Pardo, SP)

PLUG IN THE WORLD - Na minha opinião, o ensino deve e pode ser melhorado e muito nas SE's, se sua cúpula expandir mais e abrir a cabeça para o mundo, e não ficar fechado num mesmo idealismo, antigo e monótono...

Niédila C. Aguiar (Mogi Guaçu, SP)

Carta Especial

Lá vem Rildão, cheio de paixão

Fiquei esquisito quando li, em O BERRANTE, edição de aniversário, à página 4, VERSOS SATÂNICOS. Eu, que quase andava meio desligado, meio mórbido para os assuntos euclidianos, revivi das cavernas, como um raio, e me senti ofendido pelo jornal O BERRANTE e pela Câmara Municipal de Sanzé. Destarte, neste último número deste periódico de bosta, vi meu amigo André Deibus (sic), nosso Presidente Democrático, ser enquadrado pelo Ministério Público. Puta que o pariu!

Agora eu quero entrar nessa briga!

Minha ira deve-se a uma questão sexual, pois estou indignado com O Berrante, pois na matéria sobre as musiquinhas que chocaram o Parlamento de Sanzé, o jornal alega que as músicas são de autoria desconhecida, e foram passando de uns para os outros. Isto é uma sacanagem de vocês!

Destas famigeradas músicas eu tenho pelo menos participação em cerca de 70 por cento, contribuindo ora com a letra, ora com as melodias. Muito mais com as letras, Elvis e Fernando com as músicas e também letras, com alguns si bemóis de Newton.

Eu não sei quais são as músicas que vocês publicaram nos folhetos, mas se forem as que eu **estou** pensando, elas têm autoria sim e eu sou um deles, e assumo integralmente tais obras artísticas.

Quando digo que para mim é uma questão sexual, é porque eu e Fernando deixamos de cantar as meninas e namorar algumas para ficar fazendo essas porcarias, enquanto vocês, os bonitinhos, ficavam ganhando todas as minas. Foi muito tesão reprimido, e eu não posso aceitar que agora que ferveu o caldeirão, como sempre quisemos, vocês aleguem que as canções são de autoria desconhecida. Vão se foder!

A Bel de Botucatu, minha grande paixão, e de outros, em vez de eu cantá-la, cantava essas musiquinhas, o que fez, obviamente, ela me detestar, me achando um babaca. Vocês acham que eu fiz isso por nada? Não senhor.

Para não deixar barato, alguns comentários da baixaria do Sr. Álvaro Neto, o Alvinho. O que dizer a ele? Apenas que está fazendo um papelão. Homem inteligente, no passado, que

conheci há 12 anos. Naquela época, quando era oposição na Cidade, teve todo o nosso apoio, inclusive nos usou para ocupar seus espaços políticos. Naquele momento, nós éramos bons para o Sr. Alvinho, inclusive nos tratávamos por companheiros.

Acredito que agora deva estar na situação, e em vez de avançar nos espaços políticos, para a democracia da sociedade brasileira, cria um cavalo de batalha, com esses inspirados, malucos e desocupados, que apenas buscam um espaço para a juventude, utilizando seus mecanismos para preservar pessoas importantes na vida do País, como Euclides da Cunha.

Mas eu já desconfiava que as estruturas não estão à altura destes jovens maravilhosos, que criativamente utilizam destes mecanismos para transmitir algo, inclusive carinho, meio rebelde no jeito de ser, mas com carinho. Porém, aqueles, que querem fazer proselitismo político e ter atitudes popularescas, certamente utilizam-se de tais músicas para pregar a moral e os bons costumes, quem sabe para tentar se eleger em 1996 a vereador e ter um salário sem trabalhar muito.

Alvinho, quem te conhece que te compre.

Com práticas de educador como a sua é que devemos concluir que os jovens não têm espaço na sociedade. Por favor, não vamos transformar a SE em uma religião. Deixe os meninos cantarem as músicas, Euclides até que gosta! E pergunte isso numa mesa branca.

Criticar a SE é gesto natural, pois os jovens têm a capacidade de reflexão; não vigie-os, ou estará condenando uma geração à impotência. Oriente-os, não com o chicote, esse tempo já passou, processo judicial foi na época do AI-5 - acho que você era contra, não? -, quando os jovens, através do Movimento Estudantil, queriam salvar o Brasil. E foi essa juventude que canta as musiquinhas, compostas por nós, que derrubaram um Presidente. Sabe quantas músicas eles cantavam contra o Collor, chamando-o de Filho da Puta? Se você era a favor de Collor, não saberá nunca, mas foram músicas como essas, que criticavam com sátira, que conscientizaram muitos jovens sobre a realidade política brasileira.

Deixe os Maratonistas participarem,

ou estarão condenados a um futuro com a camisa-de-força e, amanhã, vocês poderão precisar deles, hoje jovens, homens cidadãos políticos amanhã.

Alvinho, desculpe, mas reflita, se quiser ser mesmo o Prefeito de Sanzé, pois nas próximas músicas farei questão de incluir seu nome, como "Ado, ado, ado, Alvinho é legal!"

Com relação aos Edis pardenses, lembro-lhes que Sanzé não é Tubiacanga, e ademais a novela já acabou. Mudemos para a Próxima Vítima.

Nobres Edis, vocês serão a Próxima Vítima, e eu tenho umas boas! Ah, ah, ah! Só canto aí. Aposto que o Ministério Público também vai gostar pois, se em vez destes apurarem as músicas da AEE, apurassem o que há nesta Câmara... Não ia acontecer nada, pois vocês não são mais do que a média dos Edis deste País; as coisas rolam, mas virou rotina e costume, ninguém se importa mais, embora todos saibam...

Se preocupem com o grande número de sem-terras que há no seu município, cobrem uma política social mais ajustada e digna do cidadão ao Governo Federal, gastem papel para produzirem política aos 32 milhões de miseráveis que sequer têm uma refeição ao dia, gastem papel para proteger milhões de crianças sem condições de vida etc...

Com relação ao André, pobre amigo, numa delegacia, menino incapaz de estuprar uma bicha...

E vocês da Diretoria, que se cagam todos por estes caras, Alvinho & Cia., ponham pra foder, moçada! Será que precisam dos dinossauros? Já tô com 30, tô meio véio, pode xingar minha mãe, porém mexeu com nós o rojão explode, e truco o sete!

Bom, caros amigos leitores, diante disso eu não podia me calar, e estou a disposição do Sr. Delegado da 23ª Delegacia Policial para apurar os fatos, e conclamo uma grande ida de todos até o 24º DP, para conversarmos com o delegado; este sim, entenderá o que estamos dizendo, pois com certeza já foi estudante, e será um Euclídiano após nossa conversa.

Por fim, dinheiro nós não tem, mais a paixão é demais!

Rildo Marques de Oliveira (São Paulo, SP)

THE END

A História em sete berros

Nas sete edições d'O Berrante, a trajetória de seu pensamento e de sua luta

MARCELO LOPES
Editor d'O Berrante

O Berrante é a expressão oficial d'A Associação de Estudos Euclidianos. Desde o seu primeiro número, publicado no trimestre outubro/dezembro de 1992, até esta presente edição, o jornal amadureceu muito. Começou com uma simples folha, depois dobrou e quadruplicou de tamanho. Ganhou novas seções, mais colaboradores, e o entusiasmo cresceu junto. O formato mudou a partir do nº 4, para um tamanho menor e mais prático, mas aumentou o número de páginas. A diversidade dos assuntos também cresceu, indo muito além dos assuntos estritamente euclidianos, e abrangendo temas culturais de interesse dos jovens.

Chegamos agora ao número sete, o último de nossa gestão, e temos o sentimento de haver cumprido com nossa missão. *O Berrante* é hoje, na expressão das cartas de nossos leitores, um jornal muito bem aceito e um alívio periódico para a febre provocada pelo vírus euclidiano. Está certo que sua periodicidade é questionável pois, como já escrevemos uma vez, "trata-se do periódico mais sem periodicidade de que se tem notícia."

Nos últimos dois anos, quando estive à frente de sua equipe de produção (waal!!), muitas foram as dificuldades. Contratemplos técnicos viveram atrasando as edições. Nossos poucos recursos também nos levaram, muitas vezes, a tirar leite de pedra. Gostaríamos de poder oferecer um produto de maior qualidade, editorial e técnica, mas, enfim, fazemos o que é possível dentro de nossas limitações humanas e

financeiras.

Esses não foram os únicos problemas enfrentados. Estamos num período meio cabeludo, de desmobilização geral da juventude. Sua presença ativa vive de alguns repentes. Foi assim no *impeachment* de Collor, quando os jovens saíram às ruas, depois voltaram para suas casas e permaneceram em silêncio. No euclidianismo ocorre algo semelhante. Há todo o fervor da Semana Euclidiana, e até este já foi bem mais quente em anos passados (eh, saudade!). Depois vem setembro, um mês triste, duro de ser vivido, em que as lembranças da SE ainda estão bem frescas e os maratonistas procuram tudo que possa aplacar a sua febre. O resto do ano transcorre em tom morno, até que as vésperas de uma nova Semana venham mexer com os nossos sonhos. Ou seja, na maior parte do tempo, os maratonistas estão dispersos, não dão notícias, não agem, não participam, e a própria confecção d'*O Berrante* depende dessa participação. Há exceções, é verdade, mas poucas. Poderia ser melhor.

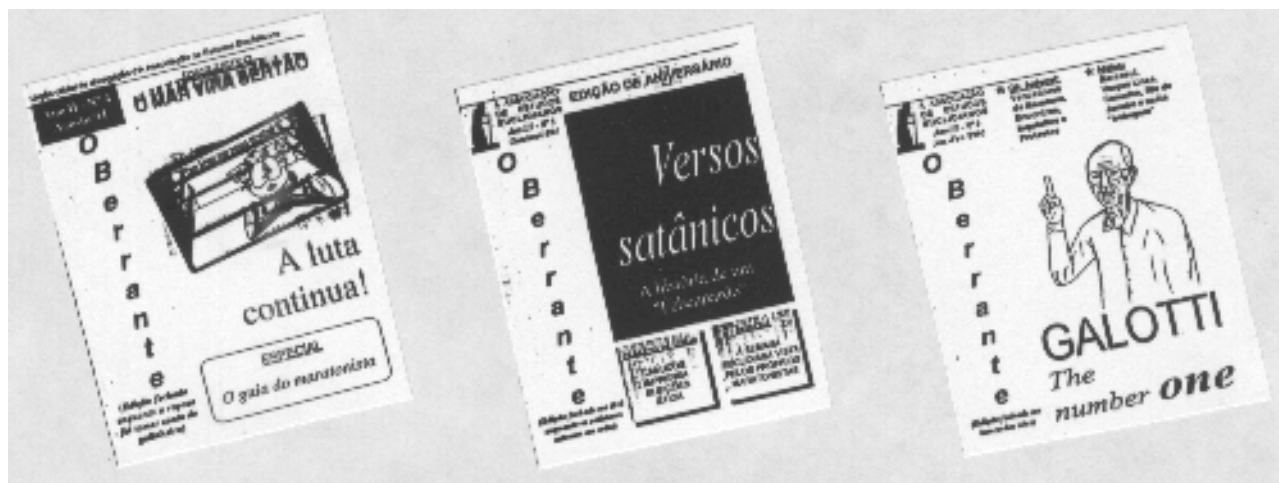
Muitas vezes a constatação desse quadro nos fez pensar em desistir. Mas é só chegarem as cartas dos leitores, com palavras de apoio e carinho - ou mesmo com puxões de orelha de desacordo, por que não? - que nos sentimos imensamente gratificados, nos dando a certeza de que valeu à pena.

Se não fosse por esse público leitor, pelo maratonista, com certeza *O Berrante* não teria sobrevivido. Em suas páginas reagimos a todas as dificuldades de nossa luta, suportamos aos ataques dos inimigos, defendemos um euclidianismo mais dinâmico e mais cultural, revivemos as histórias e as delícias da SE, e demos vazão à criatividade e à irreverência que caracterizam o jovem - sobretudo o maratonista, esse ser iluminado muito louco e especial.

O Berrante é isso - como o objeto que o inspirou -, um instrumento



anunciador de um tempo e agregador da nossa "manada". Com o fim da atual gestão, não podemos prever o seu futuro. Os maratonistas terão, a partir daqui, a responsabilidade de construí-lo. Se querem um espaço, ocupem-o.



As frases d'O Berrante

"As tentativas de modernização da Semana Euclidiana esbarram ainda nas vaidades feridas (gravemente ou nem tanto!) que geram dualidades dos que falam 'Euclides é um escritor popular', mas que na verdade dizem 'ele é assunto para intelectuais como EU'.

(Editorial, O Berrante nº 1, out.-dez./92)

"A jovem AEE procurou contribuir para a manutenção, mesmo que precária, da estrutura da SE no que tange ao seu caráter cultural, mas nem sempre isso foi bem aceito, ou bem visto, ou (pior!) bem compreendido. As mesmas pessoas que poderiam se beneficiar (até politicamente, por que não?) vislumbraram na ajuda absolutamente desinteressada d'Associação um verdadeiro mar de interesses escusos e pessoas dissimuladas - espalhando o terror entre o pacato povo riopardense."

(Editorial, O Berrante nº 2, set./93)

"Os maratonistas não devem só reclamar. Devem se mobilizar para que a nossa presença e o nosso espaço sejam respeitados."

(Editorial, O Berrante nº 3, jan.-fev./94)

"Pois 'está fundado o desvairismo!', a insubserviência aos dogmas burocrático-intelecto-fascistas! Independência ou Morte! Estamos fartos de semideuses. Será que só nós é que somos vis e errados nesse mundo?"

(Editorial, O Berrante nº 5, out./94)

"Fazer soar as trombetas e derrubar as muralhas dos castelos dos senhores

feudais desse euclidianismo arcaico parece tornar-se um sonho infrutífero, frente aos expedientes nem sempre muito éticos de que lançam mão."

(Editorial, O Berrante nº 6, jan.-fev./95)

"A mentalidade da juventude guia-se por si só. Cabe aos educadores possibilitar o seu crescimento e desenvolvimento, mas jamais pretender tolhê-la."

(A resposta d'A AEE, O Berrante nº 5)

"O que não conseguimos entender é que, a nossa iniciativa e participação, ao invés de ocasionar o orgulho de nossos mestres, iniciadores, provoca o seu ciúme, a sua reprovação, a sua oposição."

(Idem)

"Querem nos transformar numa horda de hunos sanguinários, cujo único objetivo é destruir os pilares do culto euclidiano."

(Encontro de Paralelos, O Berrante nº 3)

"Somos todos jagunços."

(Frases, O Berrante nº 5)

"O ideal seria que o euclidianismo, além de um projeto cultural, fosse reconhecido, sobretudo, pela convivência social entre jovens."

(Emilene O. de Souza, Itu, SP, em Neo-euclidianismo, O Berrante nº

5)

"Chegou ao fim mais uma Semana

Euclidiana. Cada ônibus que parte da rodoviária, levando os amigos, é como um pedaço que se arranca de mim. É a dor do parto..."

(A dor do parto, O Berrante nº 5)

"Por isso não queremos o confronto. Não queremos ocupar o espaço de ninguém. Acreditamos que se possa fazer um trabalho de cooperação amplo, criando novos espaços, isso sim."

(No recesso da caverna, O Berrante nº 3)

"O euclidianismo, como hoje conhecido (?), tem os seus dias contados."

(Editorial, O Berrante nº 6)

"Os maratonistas, progressivamente, vêm amadurecendo no seu interesse por Euclides e pelo euclidianismo. A contribuição deles se torna cada vez mais significativa e importante para o movimento euclidiano. Chegamos a concluir que não pode haver Semana Euclidiana sem os maratonistas."

(Oswaldo Galotti, em The number 1, O Berrante nº 6)

"Mas a SE é uma chuva que não atinge a todos. Uma coisa é você criar um evento que seja aberto ao público, e outra, completamente diferente - e mais, muito mais difícil - é você dar condições de todos participarem desse evento."

(A grandeza de um evento, O Berrante nº 5)

"As palestras continuam as mesmas."
(Ciclo de Estudos não muda, O Berrante nº 4, ago./94)

THE END

O sonho acabou. Acabou?

MARCELO LOPES

Especial para O Berrante

O movimento euclidiano está na UTI, em coma profundo. As possibilidades de cura foram jogadas no lixo, e agora nos perguntamos: o que fazer daqui em diante?

Muitos são os males que afligem o "euclidianismo" (vamos chamar assim o que está aí, na falta de outra palavra), e por isso a doença já se tornou crônica. O paciente é terminal, está desenganado. Como no caso de um ente querido que agoniza, moribundo, assim nos sentimos em relação ao euclidianismo. Durante muito tempo nos alimentamos com esperanças de sua salvação. Nos mobilizamos para ajudá-lo. Mas a realidade, por mais dura que possa ser, é uma só: ele morreu e, junto, levou uma parte de nós.

Desde há muitos anos acompanhando as desventuras do movimento, suas idas e vindas, não vi sairmos do mesmo lugar. Ao contrário, tudo isso lembra, parafraseando Euclides, um refluxo para o passado. Não vou tentar, aqui, fazer um tratado definitivo sobre o tema. Quero, tão somente, fazer um rápido apanhado das razões que nos trouxeram até aqui, para depois procurar um caminho a seguir, pois a vida continua.

Em 1986 participei de minha primeira Semana Euclidiana. Alguns, que hoje são meus amigos e me acompanham nesta empreitada d'A Associação, já naquela época se embatiam contra os "donos" da SE. O Ciclo de Estudos estava com sua fórmula gasta, não atendia mais às ansiedades do maratonista. Chegávamos em Rio Pardo quase sem informação sobre Euclides. Lá assistíamos a palestras exaustivas que, muitas vezes, eram também um mistério. Alunos de literatura talvez tivessem dificuldade para compreender alguns pontos. E se estes estivessem presentes, certamente pipocariam divergências de toda sorte na platéia. Mesmo com um público eminentemente secundarista elas já existiam, mas eram simplesmente ignoradas. "O professor aqui sou eu!" Quantas vezes já não disse isso o "euclidianista" Adelino Brandão? Quantas vezes ele já não ameaçou se retirar da sala caso o questionamento persistisse? "Se vocês querem saber mais do que eu venham dar aula no meu lugar" etc etc etc. E nós, contemporizadores - bobos e ingênuos, talvez -, entrávamos com o recurso do "deixa disso", e permitíamos que ele voltasse, triunfante, ao seu olimpo.

Desde o início, então, aprendermos a não nos calar, mas aprendemos, também, a respeitar os mais velhos. Ainda que nos faltassem com o respeito. Somos jovens, porém cidadãos. Tínhamos - e temos - nossas posições bem definidas, mas a despeito de toda a impetuosidade característica da juventude, optamos sempre pelo diálogo, como agora, neste momento em que converso com a opinião pública, através de um meio de comunicação legítimo, com a devida probidade, mas também com a devida franqueza. É assim na democracia. Se ambas as partes observassem esse aspecto, poderiam não ser resolvidas as divergências, mas elas coexistiriam civilizadamente.

A melhor maneira de conseguirmos mobilizar a força do maratonista era criar uma entidade que os congregasse. Assim nasceu a Associação dos Ex-Maratonistas, em 1986, que posteriormente evoluiu para A Associação de Estudos Euclidianos. O que queria A Associação naquela época? Dois eram os objetivos fundamentais - estabelecidos inclusive em nossos estatutos. O primeiro se resumia no caráter meramente associativo, mas não menos importante. Os maratonistas sempre mantiveram sólidos laços de amizade entre si e, não por menos, a maioria de meus amigos mais antigos vem da Semana Euclidiana. Uma associação nos aproximaria ainda mais, possibilitaria uma troca de experiências mais ampla, extrapolando as limitações temporais da SE. O maratonista, como bem observou o Dr. Galotti (ver *O Berrante* nº 6), se identifica com os demais. Essa energia não podia ser desperdiçada, e a idéia da existência d'A AEE era uma esperança de continuar respirando o ambiente euclidiano, que tanto nos fascina, no

restante do ano.

O segundo objetivo, de caráter cultural, sempre foi o principal. Os maratonistas tinham garra, disposição, interesse. Por outro lado, a Semana Euclidiana dava sinais de esgotamento, clamava por gás novo. A Associação nascia como um veículo apto a canalizar esse “gás novo” em prol de uma nova Semana Euclidiana. Uma Semana Euclidiana que não fizesse de si mesma o seu próprio fim, mas que tivesse como alvo único o próprio aluno.

Para isso, a SE precisaria estar de ouvidos abertos às nossas aspirações. Seria necessária essa troca de experiência para que a sua dinâmica se aperfeiçoasse, entrasse em sintonia com os novos tempos. Era preciso tirar Euclides da Cunha, imaculado, de seu altar, despi-lo de suas vestes de deus, e trazê-lo para junto dos mortais da plebe. Se o euclidianismo continuasse a não nos dizer coisa alguma - ou muito pouco - para que aprendê-lo?

A discussão literária da obra euclidiana não tem o poder de interessar o jovem, de um modo geral, ao menos que esse jovem, específico, tenha vocação para a literatura. É um caso isolado. O que interessa à juventude é aquilo que se relaciona com a sua vivência, com o seu mundo, com os seus dias. E era justamente essa ponte, entre Euclides e a nossa realidade, queurgia ser construída.

Na prática, isso poderia ser feito de muitas maneiras. A principal seria diversificar as temáticas, discutindo não necessariamente Euclides mas, a partir do seu recado, tentar entender um pouco da nossa cultura, da nossa sociedade, da nossa nacionalidade. A obra euclidiana, tão vasta e tão rica, interdisciplinar - e a gente só faz ouvir essa palavra durante as palestras, em vão -, é um combustível mais do que efervescente para alimentar debates realmente proveitosos.

O debate. Funda-se aqui o incidente desvalioso. Quem quer debater? Ninguém debate sozinho. São necessários dois lados e um canal para que isso ocorra. O diálogo é a matéria-prima do debate. Ora, se um professor se coloca na posição de um dono absoluto da verdade, acima do bem e do mal, detentor universal do conhecimento, num plano superior ao dos seus alunos - de quem não admite ouvir queixa -, como haver debate?

Um debate implicaria em todos compartilharmos do mesmo chão. Exigiria que os “superiores” abdicassem de seu poder celestial, centralizador, próprio de uma intelectualidade fascista e dogmática. Significaria deixar de lado as vaidades, a onipotência e, principalmente, os interesses pessoais que nada têm a ver com o euclidianismo. Seria necessário, pois, abdicar do poder político.

Poderíamos nos perguntar que poder político é esse, se ele existe, mas temos que considerar que, numa concepção provinciana e arcaica da política, o poder, absolutista e marcadamente hierarquizado, é considerado fundamental em qualquer organização. São resquícios das ditaduras pelas quais passamos, uma após outra, que deixaram seqüelas em nosso caráter nacional. Herdamos a cultura do “eu mando e você obedece”, e há pessoas que simplesmente não conseguem viver se não tiverem alguém que lhes dê ordens. Do mesmo modo há pessoas que não resistem à oportunidade, não de *coordenar*, como conviria, mas de arbitrar o que e como deve ser feito e ponto final.

Dessa maneira, por mais desprezível que seja, temos que

admitir que a concepção do euclidianismo, em sua esfera administrativa, está vinculada a um poder político, ou seja, poder de *mando*. E os espíritos autoritários, naturalmente, terão horror ao diálogo, ao debate, à democracia, enfim, pois para eles não fará sentido viver sem mandar. Não conseguem conceber a política de um modo que não seja essencialmente paternalista; acreditam que não existe *ordem e progresso* fora da subordinação da maioria. Tão incrustado está esse sentimento em nossa nacionalidade que seu lema inclusive figura, também incrustado, em nossa bandeira.

O conflito entre a juventude e os velhos líderes fez-se, então, inevitável. Foi mais agressivo em alguns momentos, mais civilizado em outros, mas sempre existiu. Não que A AEE fosse intransigente. Se pegarmos todos os nossos discursos, todos os nossos editoriais e artigos nos jornais, facilmente constataremos que a opção da negociação e da cooperação entre as partes sempre marcou a tônica de nossas aspirações. Nunca quisemos o poder político, e nem poderíamos. Não somos riopardenses, e apenas a São José do Rio Pardo cabe exercer o poder político. Nossa proposta sempre foi e continua sendo eminentemente de natureza pragmática. Nos colocamos como um exército à disposição

do euclidianismo. Nos prontificamos a colaborar na organização, criar aberturas para novos horizontes culturais, levar a São José intelectuais renomados que pudessem, não substituir o existente, mas ampliar a pluralidade de opinião e enriquecer o debate.

Mas não. Foram negados todos os pedidos, frustraram-se todas as tentativas.

Os “pais” do euclidianismo gravemente enfermo recusaram o uso dos remédios, dispensaram médico e ambulância, na crença de que só a pajelança já resolvia qualquer parada. Pois bem.

Nós maratonistas, muitas vezes tivemos a ilusão de que o paciente poderia ser salvo, de que o interesse político poderia ser deixado de lado, em nome da preservação de um bem cultural que não pertence a um grupo, mas é de todos. Ninguém é dono de uma cultura. A cultura pertence a um povo, a uma nação. Mas não em São José do Rio Pardo. Lá, infelizmente, a cidade se orgulha de *possuir* Euclides, e *possuir* literalmente, visceralmente, através da glorificação de seus restos mortais erguidos na forma de um altar, como um troféu máximo, um prêmio de caça, um título único e mundial. E digo infelizmente porque, enquanto São José detém Euclides, seu povo o ignora, e essa ignorância seria absoluta não fosse a existência de uma ponte metálica que todos são obrigados a atravessar, e a existência de um feriado municipal em 15 de agosto que todos ali são obrigados a gozar.

Muito se falou em São José também, por parte de alguns, em mudar a Semana Euclidiana. São pessoas sérias, de visão mais aberta, que ao menos nos receberam para dialogar. Numa situação de completa incomunicação, a abertura de um canal de conversação era um acontecimento digno de comemoração. E chegamos a comemorar, realmente. Criamos planos. Redigimos planos. Apresentamos planos. Voltamos a conversar, mas a verdade é que nada aconteceu, nunca saiu-se do plano das intenções. Para usar uma expressão muito em moda, tudo não passou de nhém-nhém-nhém.

Se houvesse uma vontade política de se mudar realmente, isso já teria sido feito. Não foi porque essa vontade política

**"Há de chover uma
grande chuva de
estrelas, e aí será o fim
do mundo"**

(Antônio Conselheiro)

inexiste, ou então não é tão forte assim. Talvez seja o caso de mudar pouco para não mexer em nada. O euclidianismo continuou rumando ao seu triste fim. “A política é uma merda”, já disse Nelson Rodrigues.

Movidos por nossa profunda relação - amorosa mesmo - com a Semana Euclidiana, ainda nos mantivemos cegos e crentes. Ainda tinha que ser possível. Tinha que dar certo. O bom senso prevaleceria no fim das contas. Por que haveria de ser diferente?

Veio o golpe fatal. À arbitrariedade, à incompetência, ao provincianismo desvairado e à intolerância veio se juntar o ódio e o mau-caratismo. Apoiados em filigranas jurídicas, optaram pela humilhação e pela coação através de um processo judicial. Utilizaram-se de um modo escuso, inteiramente sujo, daquilo que tínhamos de mais belo e mais puro, que era a nossa alegria, a nossa espontaneidade, a nossa felicidade por viver de bem com a vida, a nossa irreverência, sinônimos da nossa juventude. O que nos censuraram não foram os cânticos que costumeiramente entoávamos pelos bares, ruas e praças de Sanzé. O que nos censuraram foi a nossa própria voz, o direito de protestarmos, de nos expressarmos. Vilipendiaram a nossa cidadania, atiraram-na no lixo. Sua irracionalidade, nesse aspecto, assemelha-se à dos soldados que investiram contra Canudos, rugindo ferozmente, pisando e destruindo tudo que encontram pela frente.

Seguem-se lances bizarros. Primeiro, Álvaro Ribeiro Neto, diretor da Casa Euclidiana e presidente do Grêmio Euclides da Cunha, faz com que se abra um processo contra A AEE. Depois, se filia a entidade. Deve ser uma experiência muito interessante processar a si mesmo, que outra explicação pode haver para o fato? Requentes de crueldade? Hipocrisia!

O euclidianismo, enfim, morreu. Está falido. Não existe fora de São José do Rio Pardo - talvez nem dentro. Acontece algo parecido como no romance *As brumas de Avalon*. Avalon, sempre envolvida por nevoeiros, a cada dia estava mais distante e esquecida pelo mundo exterior, pois não se conseguia vê-la nem saber onde estava. Até que o lugar virou lenda. O mesmo acontece com Sanzé em relação ao

euclidianismo. Dizem que ele existe e está lá, mas fora dali não conseguimos vê-lo. Também vai se tornar uma lenda. Não me refiro, é claro, à obra de Euclides, que é perene, mas sim ao euclidianismo enquanto movimento cultural. Ele morreu porque não encontrou saída fora da política local. Ele morreu e seus bens se perderam porque não deixou herdeiros.

Os herdeiros éramos nós. Mas tudo isso já está perdido, foi parar no lixo. Pelo menos duas gerações de maratonistas foram assassinadas em nome da estupidez humana. Quando os senhores feudais perceberem o erro crasso que cometeram será tarde. Já é tarde. A disposição que tínhamos em cooperar agora não passa de nojo, e saibam que a muito custo seguramos o nosso vômito. Os dias de luta irracional terminaram. Restaram as mágoas.

Não nos sentimos, porém, derrotados. Nós não estávamos disputando o jogo político que julgaram. Os grandes derrotados são vocês, senhores feudais. Vocês podem não ter percebido, ainda. Mas quando perceberem, a dor do arrependimento os corroerá até o fim de seus dias. Vocês mataram o euclidianismo, e um dia ele lhes fará falta. O poder, ora tão decantado, de nada lhes valerá. Quanto a nós, nada perdemos. Ninguém pode nos roubar as amizades construídas, a História vivida. Não podem nos retirar nossa alegria e nossa força. Não podem roubar a nossa liberdade de ação e pensamento, nem nossa consciência. Vocês não têm *poder* sobre nós, como sempre quiseram mas nunca conseguiram e nem vão conseguir.

Temos, ao contrário do que possam pensar, todas as cartas em nossas mãos. Não há maratona sem maratonistas, lembram-se? E já que vocês nos recusaram, empregaremos nossa energia em outro lugar. Se não nos querem, talvez seja até melhor, assumiremos a nossa independência. E não teremos mais, também, que nos preocuparmos em saber o que vocês acham ou deixam de achar, se gostam ou odeiam, se dão risada ou choram de raiva. Os maratonistas podem, agora, se sentir mais vivos e livres do que nunca.

O sonho pode ter acabado. Mas nunca a capacidade de sonhar.

Boa noite!

Maratonistas decidem o seu futuro

Diante da atual situação do euclidianismo, se faz necessário que A Associação rediscuta os seus objetivos dentro do movimento. Para isso a atual diretoria, no último ato de sua gestão, está convocando uma Assembléia Geral para discutir os rumos a serem seguidos (ver quadro ao lado).

Além de decidir importantes questões sobre a nossa atuação cultural nos próximos tempos, a Assembléia Geral vai tratar de como deverá proceder a eleição de uma nova diretoria para o quadriênio 95-99. Terão direito a voto somente os sócios cadastrados (aqueles que preencheram ficha de filiação). Entretanto, mesmo sem direito a voto, todos os demais maratonistas e outros interessados poderão participar das discussões. A Assembléia Geral é o órgão máximo deliberativo d'A AEE.

Assembléia Geral d'A AEE

*Sábado, 12 de agosto, meia-noite
(ou, se preferir, domingo, 13 de agosto,
zero hora)*

**Bar do Agenor (Gut's)
São José do Rio Pardo**

Em pauta:

- 1. Eleição da nova diretoria**
- 2. Definição dos novos rumos**

d'A Associação

*Terão direito a voto todos os sócios
registrados*

CENSURA

"Afasta de mim esse cálice"

"Luiz Inácio", como os Cânticos, ofende a honra dos membros da Câmara

LUCIANA MARTINEZ CECCATO

São Paulo, SP

A novela decalcada sobre nossos velhos conhecidos *Cânticos Euclidianos* deixou-nos boquiabertos. Parecia-nos absurdo fazer tamanho alarde por uma causa tão besta, que não justificava de forma alguma os gestos e palavras utilizadas pelos membros da Casa Euclidiana, do Grêmio Euclides da Cunha, ou de onde forem os responsáveis por tais colocações ridículas e, porque não dizer, **jurássicas**.

Entretanto, sou obrigada a constatar que, por incrível que pareça, o céu ainda pode ficar mais escuro do que à meia-noite. Anos após a queda da ditadura e do regime militar, este mesmo país que conseguiu experimentar o gosto momentaneamente adocicado das "Diretas Já", do "Impeachment", das "CPI's", é obrigado a presenciar um renascimento palpitante da censura.

Sei que parece incrível, mas não estou falando de vinte ou trinta anos atrás. Isto acontece hoje, nas raias do século XXI. A Justiça Federal proibiu a execução da música "Luiz Inácio (300 Picaretas)", no show dos Paralamas do Sucesso, realizado no dia 23 de junho de 1995, em Brasília. Mas o absurdo não pára aí. Bonifácio Andrada, o requerente do pedido de censura, disse ainda que todos os que contribuísem para a divulgação da letra também estariam incorrendo em crime de difamação.

O que me chama mais a atenção é que, apesar de tal medida ser inconstitucional, todos os canais de TV, emissoras de rádio; enfim, todos os meios de comunicação estão acatando tal proibição. Nem mesmo a MTV, que procura criar uma imagem de personalidade única e inigualável a qualquer outro veículo do gênero, teve coragem de apresentar a música na íntegra. O máximo que eles fizeram foi colocar a música como um sutil pano de fundo para alguns de seus programas.

Alguns jornais ousaram um pouco mais e publicaram a letra da música (*ver box*). Graças a essa "ousadia", eles podem ser presenteados com um simpático processo. Eis que, inesperadamente, **O Berrante** se equipara à Folha de S. Paulo!! Será que o deputado Bonifácio (PTB-MG) também utilizou termos modernos como *manquitola*, *capenga*, ou pérolas como essas, que são constantemente utilizadas pelos

"LUIZ INÁCIO (300 PICARETAS)"

(Paralamas do Sucesso)

*Luiz Inácio falou, Luiz Inácio avisou
São 300 picaretas com anel de doutor
Eles ficaram ofendidos com a afirmação
Que reflete na verdade o sentimento da nação
É lobby, é conchavo, é propina e jetom
Variações do mesmo tema sem sair do tom
Brasília é uma ilha, eu falo porque eu sei
Uma cidade que fabrica sua própria lei
Aonde se vive mais ou menos como na Dineylândia
Se essa palhaçada fosse na Cinelândia
Ia juntar muita gente pra pegar na saída
Pra fazer justiça uma vez na vida
Eu me vali desse discurso panfletário
Mas a minha burrice faz aniversário
Ao permitir que num país como o Brasil
Ainda se obrigue a votar, por qualquer trocado
Por um par de sapatos, por um saco de farinha
A nossa imensa massa de iletrados
Parabéns coronéis, vocês venceram outra vez
O Congresso continua a serviço de vocês
Papai, quando eu crescer, eu quero ser anão
Pra roubar, renunciar, voltar na próxima eleição
E se eu fosse dizer nomes a canção era pequena
João Alves, Genebaldo, Humberto Lucena
De exemplo em exemplo aprendemos a lição
Ladrão que ajuda ladrão ainda recebe concessão
De rádio FM e de televisão*

Excelentíssimos Senhores responsáveis por este processo que nos **aflige**?

Não acredito nessa possibilidade, mas, depois desses acontecimentos, nada mais me espanta. Pareceria-me natural se, amanhã ou depois, a sociedade brasileira fosse surpreendida com um novo golpe militar, ou talvez, com uma nova censura na constituição. É verdade que **É Proibido Proibir**?

Documentário revive a Guerra de Canudos

Produzido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o documentário *Paixão e Guerra do Sertão de Canudos* percorreu 180 cidades no Ceará, Pernambuco, Sergipe e Bahia para reconstituir os passos de Antônio Conselheiro, e também os episódios mais marcantes da Guerra de Canudos. As filmagens ocorreram nos meses de abril e maio de 1993, e foram patrocinadas pelo Ministério da Cultura.

O filme mostra as imagens de hoje das cidades por onde peregrinou o Conselheiro, e também dos arredores

de Canudos. As lembranças da Guerra são contadas pelos próprios descendentes de conselheiristas, bem como por descendentes do próprio líder do Arraial. Pesquisadores sobre o tema, como José Calazans e Renato Ferraz, também gravaram depoimentos. As imagens atuais de Canudos mostram como a seca baixou o nível das águas do açude de Cocorobó, revelando as ruínas da antiga cidade.

O filme, dirigido por Antonio Olavo, ganhou o prêmio de melhor vídeo no X Rio Cine Festival, em 1994.

Notícias das Cavernas

CAMPINAS - Desta vez não é boato, como no ano passado. Nossa querida Rachel, lá do seu refúgio campineiro, nos manda a notícia de que está grávida, à espera de um pequeno e promissor maratonista para a SE de 2010.

Diante do ocorrido, infelizmente ela não estará fudegando conosco neste ano, mas ela pede para que, quando estivermos bebendo, tomemos um copo em sua homenagem.

Rachel, espere a cegonha com tranquilidade. Tomaremos muitos engradados para homenageá-la. Mais tarde, iremos ao Cristo para pedir que ele abençoe o seu filhote. Depois passaremos pela herma para pedir que Euclides o ilumine.

Agora deixemos a Rachel e falemos da Raquel (a outra, nossa Secretária Adjunta). Temendo ir parar na cadeia, por causa dos Cânticos, Raquel fugiu para Londres na virada de 94 para 95. Entretanto, com medo de ser localizada pelo repórter Roberto Cabrini, ela deixou a capital inglesa e se instalou em Paris, levando junto a nossa sucursal na União Européia. Waal!

Será que os dias de fudega de nosso presidente estão contados? É que vem aí o casamento do ano. André Luiz de Lima Daibes resolveu entrar para o rol dos homens sérios (?), e marcou um repentino casório para 3 de fevereiro de 1996. Ele manda avisar que está recebendo contribuições para o enxoval. Acreditem, se quiserem.

Depois de *Tróia de Taipa*, mais um jornal entrou no circuito euclidiano. Trata-se do *Cabana de Zinco*, publicado pelo Grêmio Euclides da Cunha, de São José do Rio Pardo.

Depois da visita que fizemos à 23ª DP de São Paulo, para depor no caso dos *Cânticos Euclidianos*, o assunto do processo, se não morreu, ao menos deve ter ficado incubado. De lá para cá, apenas nossa diretora Raquel foi intimada a depor. Mas como ela fugiu...

Balço da atual gestão d'A AEE (91/95):

- 1 projeto de Semana Euclidiana entregue à Secretaria Municipal de Cultura de Rio Pardo, em 1994. Não obtivemos resposta até hoje.

- 1 seminário organizado durante a Semana Euclidiana de 1993: "O Brasil de Euclides e o de hoje - contrastes e confrontos". Trouxemos professores da USP e da UNICAMP para discutir a violência social na época de Canudos e na atualidade. A Casa Euclidiana se revoltou contra a realização desse seminário, taxando-o de "paralelo".

- meia dúzia de arranca-rabos com Adelino Brandão durante as palestras que, entre outras coisas, nos taxou de "comunistas e petistas radicais".

- 1 moção de protestos da Câmara Municipal de Sanzé contra os Cânticos Euclidianos. O mimoso texto dos vereadores nos taxava de avessos, capengas, manquitolas, retardados, indecentes e freudianos, nessa seqüência.

- 1 inquérito policial movido pelo Ministério Público riopardense, a partir de denúncia oferecida por Álvaro Ribeiro Neto, em nome do Grêmio Euclides da Cunha, do qual é presidente, contra os Cânticos Euclidianos.

- 1 H-encontro (?) Regional dos Maratonistas (Herma), realizado em Franca, em novembro de 94.

- 7 edições de *O Berrante*.

- 1 edição de Cânticos Euclidianos.

- 1 briga no baile da SE/94.

- 96 novos sócios.

- 1 homenagem prestada (nomeação do Dr. Oswaldo Galotti como presidente de honra d'A AEE).

- centenas de garrafas de cerveja consumidas.

Perguntar não ofende

Depois de comunistas, petistas, radicais, comedores de criancinhas, capengas, manquitolas, freudianos etc etc etc, de que seremos taxados neste ano?

O Berrante

**Central de Informações
d'A AEE/O Berrante -
Redação: Rua Antonio
Abdo, 99, V. das
Mercês, CEP 04164-
060, São Paulo, SP, tel.:
(011) 946-5573.**

Editor responsável: Marcelo Lopes. Editor adjunto: Danilo Peroni. Secretária de Redação: Luciana Martinez.

Correspondentes - William Gonçalves (Oeste Paulista/Oswaldo Cruz), Léa Ballarini e Danilo Peroni (Nordeste Paulista/Franca), Paulo Herculano (Rio Pardo), Raquel Celentano (União Européia/Paris).

Diretoria d'A AEE -
Presidente de Honra: Oswaldo Galotti, Presidente: André (São Paulo), 1º-2º-3º vice-presidente: Humberto (São Paulo/Franca), Secretário Geral: Mário (Botucatu), Secretária Adjunta: Raquel (São Paulo/São José do Rio Pardo), 1º tesoureiro:

Newton (São Paulo), 2º tesoureiro: Newber (São Paulo/Botucatu), Diretores: Marcelo (São Paulo), Danilo (Franca), Rildo (São Paulo), Elvis (Brasília). *Números atrasados e correspondência em geral:*

contatar a Central de Informações. Cartas e artigos enviados para publicação poderão ser editados em função do espaço disponível. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Tiragem: 250 exemplares.

**DATA DE FABRICAÇÃO:
11/08/1995.
VÁLIDO ATÉ 15/08/1995.**